

PM prende, bate e invade uma casa

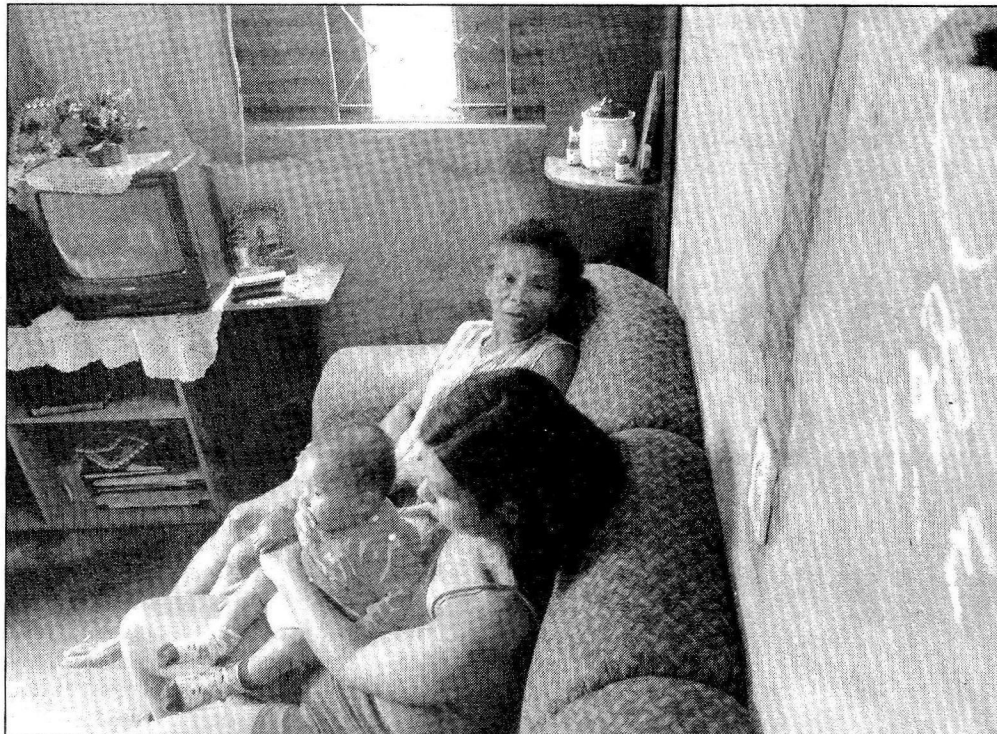
Lúis Osvaldo Grossmann
Da equipe do Correio

A porta de ferro mostra o amassado de um pontapé. Em frente, o primeiro dos três furos de bala em paredes da casa, circulados com giz e anotações da perícia criminal. A porta de madeira de um dos quartos está no chão. No corredor, mais buracos de tiros. Assim ficou a casa, onde Julia Rosa dos Santos mora com o marido, filhos, noras e netos, depois que a Polícia Militar deixou o lugar no último sábado.

A PM foi até o local averiguar uma chamada ao 190 sobre tiros disparados na rua. "Assim que a viatura fez a curva viu um grupo que se dispersava e um rapaz jogar uns papelotes fora", conta o tenente Carlos Pereira, que estava na ronda. O grupo correu e só ficou Edilson Oliveira. Ele cumpriu pena de seis meses por assalto, mas desde novembro estava em liberdade condicional e trabalhando. Edilson foi considerado suspeito e algemado, pois estava com uma trouxa de maconha.

A mulher de Edilson, Elizabeth, foi a primeira a se aproximar para reclamar. "Eu corri para cima do meu marido, porque eles estavam enforcando ele (sic). Aí eu caí", lembra ela, que tem 20 anos e está no quarto mês de gravidez. A rua estava cheia, pois várias pessoas ouviam música em frente a uma das casas, e outros vizinhos começaram a se aproximar.

Acácio Pinheiro



As marcas da violência dos policiais ainda estão bem visíveis na casa de Julia Rosa dos Santos

"Eu fui dizer para eles deixarem a Elizabeth, porque ela está grávida, mas fui ameaçado de ser preso. Perguntei o que era tudo aquilo e eles só me disseram que era uma busca. Não deram chance de conversar. Eu não entendo, se você vem prender uma pessoa, é ela e não a família toda, não invadir a casa", diz o marceneiro Amauri Urbanski, 39, que mora na casa em frente.

Outro vizinho, Luiz Cruz, correu

para tentar ajudar a moça desmaiada. "Eu fui socorrer a Elizabeth e a deixei no sofá da casa. Foi quando os PMs invadiram", lembra.

INVASÃO

Segundo o tenente Carlos, a polícia invadiu a casa porque "os familiares tentaram impedir nosso trabalho e começaram a jogar garrafas e pedras nas viaturas. O rapaz já estava detido, mas se as pessoas estão tentando im-

pedir, nós temos que agir".

Um dos irmãos de Edilson, Edson Oliveira, confirma as agressões: "Eu fiquei nervoso, xinguei e joguei pedras mesmo. Mas na hora que eu vi eles atirando, vim para casa". Outro irmão, Edmar, também correu ao ouvir os tiros. " Vim para casa e fui lá para trás, onde estavam as crianças. Elas ficaram muito assustadas e eu tentei acalmá-las. Mas aí os policiais chegaram e me pegaram pelo braço e pelo pescoço, me arrastando para fora".

Uma porta foi arrombada, três tiros foram disparados dentro da casa — acertaram duas paredes e a porta dos fundos — e um cartucho de espingarda foi encontrado pela perícia (a PM explica que ele deve ter caído do colete de um dos soldados, pois não foi deflagrado). "Eu estou traumatizada até hoje. Meus braços e minhas costas doem, porque eu fui empurrada contra o tan-

que quando os policiais invadiram a casa", lembra Julia.

SALDO

Cinco pessoas foram detidas: Edilson, Elizabeth, Luiz, Edson e sua mulher Adriana foram detidos e levados para a 33ª Delegacia de Polícia. De lá foram ao Instituto de Medicina Legal para realizar exames de corpo de delito. O laudo oficial só deve sair na semana que vem, mas o IML confirma que houve agressões (menos em uma das moças).

Elizabeth, que passou mal, foi levada para o Hospital Regional do Gama, onde foi medicada e voltou para casa. Seu marido, Edilson, continua preso e deve perder sua condicional e voltar para a penitenciária.

Para a família o rapaz está reabilitado, voltou a trabalhar e está ansioso pela chegada de seu primeiro filho. Para a polícia, no entanto, ele continua envolvido com o crime. "Ele só foi condenado uma vez, mas está envolvido em vários assaltos", garante o comandante da 14ª CPMLnd (de Santa Maria), capitão Luís Ribeiro.

Quando aos tiros dentro da casa, a polícia não sabe explicar. "Eu não tenho como afirmar que não fomos nós, mas pelo o que eu sei tudo indica que não foi da guarnição", diz o tenente Carlos. Três armas utilizadas pelos policiais (eram nove PMs envolvidos) foram recolhidas para exame balístico. O laudo do Instituto de Criminalística só deve sair entre 10 e 30 dias.